

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DE LICEIA, BARCARENA.

FONTES, Joaquim

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

FONTES, Joaquim, Estação eneolítica de Liceia, Barcarena. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 341-352.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Estação eneolítica de Liceia (Barcarena)

PELO PROF. DR. JOAQUIM FONTES
Catedrático da Universidade de Lisboa e
Pres. da Associação dos Arq. Portugueses.

A Academia das Ciências publicou, em 1878, uma memória da autoria do grande geólogo que foi Carlos Ribeiro, onde relatou as importantes pesquisas arqueológicas que realizara em Liceia (Barcarena).

A sua atenção de naturalista exímio, que foi, tinha sido chamada para uma chapada que de longe se percebe possuir, em alto grau, aquelas condições que o homem primitivo procurava para sua defesa. Na verdade, entre a ravina de Pucariça e a de Carrascal, uma dobra de terreno forma como que esporão em direcção ao vale aonde corre, lá no fundo, a ribeira de Barcarena. As suas encostas abruptas conferem-lhe as propriedades requeridas.

O declive a nascente, norte e poente é acentuadíssimo. Só a sul há como que espécie de istmo por onde o acesso a este lugarejo pré-histórico era fácil. Mas neste ponto como naqueles aonde a erosão tornou vulnerável o povoado pré-histórico, que ali existiu, grandes muralhas, construídas com enormes pedras, garantiam a vida e os haveres à tribo eneolítica. É certo que todo o recinto é mais ou menos muralhado, mas, onde a estratégia impunha maior defesa, os cuidados com a sua construção são manifestos.

O local onde Carlos Ribeiro fez a mais importante recolha de utensílios de pedra, osso, cerâ-

mica, etc., fica por debaixo da escarpa que olha a oriente, na parte assinalada de longe pelas ruínas dum velho moinho que ali existe. Neste ponto, muro construído nessas épocas recuadas, feito, em parte, com blocos de calcáreo de grandes dimensões, fecha um recinto de forma quadrangular de que um dos lados é devido ao referido acidente geológico.

Foi no ponto de contacto desse muro com a escarpa, e a poente, que este ilustre geólogo encontrou, numa pequena escavação natural, a maior parte do material que serviu para escrever a monografia citada.

No entanto Carlos Ribeiro recolheu também farto material lítico e numerosos restos de cerâmica de manufactura muito primitiva, por todo o planalto que se estende por cima da escarpa mencionada e para lá da ravina de Carrascal, no cabeço aonde está o Moinho do Castelo, como é denominado.

Os instrumentos e utensílios encontrados nessas pesquisas são os habituais em estações congéneres. Aqui se encontram ainda machados de pedra polida, pontas de flecha, elementos de foices, raspadores e percutores de sílex, estiletos e furadores de osso, pedaços de vasos de barro de pasta lisa ou com ornamentação conhecida etc. A par disto há ossos de animais, conchas de moluscos, detritos que revelam, em parte, o modo como se alimentou a tribo que aqui viveu.

Na pequena gruta referida Carlos Ribeiro teve a boa sorte de encontrar alguns restos osteológicos dalguns dos habitantes de Liceia, nesses tempos longínquos.

O estudo antropológico respectivo foi feito por outro notável investigador dos Serviços Geológicos. Referimo-nos a Paula e Oliveira que apresentou à sessão de 1880 do Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia Pré-históricas, realizado em Lisboa, um trabalho em que o cráneo braquicéfalo de Liceia é cuidadosamente estudado. Carlos Ribeiro por seu lado, também nos dá vários ensinamentos sobre o material osteológico humano que aqui recolheu.

*

Desejamos salientar alguns dados relatados por este investigador.

Queremos fazer referência, por exemplo, ao facto dum possível comércio de sílex. Este geólogo afirma que algumas das qualidades deste material não se encontram na região, devendo ter vindo de bem longe. Segundo ele, Leiria e Alcácer do Sal seriam os pontos mais próximos donde aquelas, que especifica, poderiam provir.

Um outro ponto mereceu-lhe judiciosas considerações. Este investigador notou que, em Liceia, havia uma indústria de quartzite que lhe pareceu paleolítica.

Por nosso lado, em rápidas pesquisas feitas há já muitos anos pela região havíamos confirmado este parecer. Breuil mais recentemente defendeu a mesma opinião.

São também judiciosas as considerações que fez acerca da maneira como foram construídas as muralhas deste castro. Diz-nos ele que «o exame minucioso das obras de alvenaria que abundam em Liceia» afirmou-lhe «notável diferença na construção das umas delas». Assim «os muros do pequeno recinto externo (aquele aonde encontrou a gruta), embora de alvenaria muito tosca, são todavia formados de pedras que, antes de serem empregadas tiveram uma razoável escolha para poderem formar paredes estáveis... enquanto que os poucos restos da muralha de entrincheiramento geral, que ainda existem, representam um trabalho excessivamente rude e primitivo, e atestam que os obreiros que o executaram ignoravam completamente a arte do alvanel. Assim a mais rápida inspecção a estas duas construções dá logo a conhecer que as datas em que se executaram foram muito diferentes».

Conclui do caso com menos verdade, explicável pelo desconhecimento que então havia sobre estes problemas, que Liceia devia ter começado por ser um povoado dos tempos da pedra polida que perdurou até «quando nesta região não era comum o uso do metal».

Para apoiar esta última hipótese diz que encontrou em ponto determinado, alicerces feitos com pedra ensonsa, cuja planta era quadrada ou rectangular, semelhantes, pelo aparelho, segundo ele, à dos abrigos da Idade do Bronze (e aqui pôs um ponto de interrogação no seu trabalho) que encontrou na Serra de Palmela.

Aventa a hipótese destes alicerces serem o que resta dos lares desses rudes homens que viveram nesta região.

Como confirmação informa-nos que neste sítio não encontrou «fragmento algum de tijolo, de telha ou barro cozido que revelasse vestígios de civilização romana». Pelo contrário, pôde recolher em abundância, machados de pedra polida, restos de louça com as características que possui a que foi feita nesses tempos primitivos.

A descrição é perfeita mas este investigador não comprovou a sua hipótese. Por nosso lado, podemos dizer que restos de construção com estas características podem ver-se hoje, com mais facilidade, no cabeço denominado Moinho do Castelo.

Como veremos, essas construções não devem ter sido utilizadas como habitação pelo homem eneolítico. Doutra modo viveram as tribos de Liceia.

Os conhecimentos, que numerosas pesquisas ulteriores trouxeram à pré-história, permitem interpretar melhor os dados de observação coligidos ou encontrados de novo e pôr de remissa as hipóteses que foram consideradas como factos assentes.

As nossas pesquisas são bastante esclarecedoras sobre o modo de viver dessa rude gente do planalto de Liceia. Por outro lado, Álvaro de Brée que tantas vezes tem visitado esta localidade tem conseguido apreciável colecção de objectos a qual permite a sua classificação de maneira precisa.

Com este bom amigo iniciámos escavações que resolveram alguns problemas cuja solução se procurava. Entre eles avulta o do lugar aonde viveriam as famílias que aqui habitaram.

A resposta veio-nos das pesquisas que realizámos no pequeno planalto aonde existe o tal moi-

nho velho que Carlos Ribeiro denomina do Moiro. Devemos dizer já, que não sabemos aonde este investigador foi buscar tal denominação, pois é desconhecida na região. Aquela que nos disseram foi Moinho do Pires.

Leite de Vasconcelos, que visitou Liceia não muito tempo depois das pesquisas de Ribeiro, afirma na sua obra *Religiões da Lusitânia* ser esta a denominação que colheu.

Como complemento de rectificação podemos informar, como curiosidade independente da estação eneolítica, mas porque o moinho é excelente ponto de referência a quem procure visitar esta estação de Liceia, que foi construído ou restaurado em 1707, conforme se lê na verga da porta que ainda hoje conserva.

A razão que nos levou a fazer escavações no referido planalto deve-se ao facto de Álvaro de Brée ter conseguido achados importantes junto ao sopé da escarpa aonde Ribeiro encontrou a gruta que explorou.

A ligeira prospecção, que fizemos neste local, disse-nos que estávamos em presença de terras que a chuva havia arrastado da parte superior da escarpa, isto é precisamente do planalto aonde existe o tal moinho velho.

Aqui e acolá notamos verdadeiros cones de dejecção a mostrar arrastamento de terras e utensílios. Esses arrastamentos faziam-se através da solução de continuidade dos bancos de calcário que formam a escarpa. O lugar da jazida do material arqueológico colhido aqui tinha pois que ser procurado nesse planalto.

O exame cuidadoso deste local mostrou-nos que, em diversos pontos, havia manchas de terra bem escura a contrastar com a cor argilosa do terreno. Num ou noutro ponto pudemos notar a existência de cinzas vindas das camadas profundas pelos trabalhos agrícolas. Mandamos abrir pequena vala num ponto aonde nos pareceu serem mais acentuadas as características apontadas e houve a boa sorte de cairmos sobre um fundo de cabana que exploramos quase totalmente, havendo deixado um pequeno troço deste

cinzeiro como testemunho ou, para resolução de novos problemas a encarar no futuro.

Este achado é importante e vê-se que, em Liceia como em tantos outros povoados da mesma época, a habitação não era feita de alvenaria mas sim simples cabana de construção mais ou menos precária e só a lareira se nos depara.



Fundo de cabana da estação de Liceia. A meio nota-se o que se deixou ficar do respectivo cinzeiro.

Neste caso o cinzeiro tinha o diâmetro de dois metros e a sua espessura máxima atingia 0,^m50. O tempo havia como que aglutinado essas cinzas nalguns pontos, que mostravam forte coesão entre as suas partículas. Por baixo da camada de cinzas fica o banco de calcáreo. Este apresenta-se como que escavado atingindo a sua maior profundidade a parte central da lareira, não parecendo que esta forma tenha

sido feita artificialmente. Quando muito, se houve trabalho humano, ligeiro afeiçoamento permitiu melhor regularidade do leito. Leva-nos a admitir esta hipótese o facto de termos encontrado uma placa de calcário (0,^m20 por 0,^m20), devidamente adaptada artificialmente para tapar cavidade natural do fundo do cinzeiro, para permitir bom assentamento aos vasos que se punham ao lume.

O exame da rocha sobre a qual se construiu esta cabana indicava haver sofrido intensa e persistente acção de fogo.

À periferia, o terreno argiloso mostrou-se-nos intensamente avermelhado, pelo mesmo motivo.

A crivagem da camada de cinzas deu-nos, exclusivamente, ossos carbonizados de animais, restos de um *pecten* e pedaços de cerâmica.

Os utensílios coligidos jaziam à periferia do cinzeiro. Encontramos machados de pedra polida, facas de sílex e de cristal de rocha, uma conta de calcite, um furador de osso, pedaços de vasos tendo um deles ornamentação.

É justo salientar, pelo valor que o achado tem, o dum pedaço de alabarda de sílex.

Álvaro de Brée encontrara tempos antes um magnífico e grande machado de anfíbolite (0,^m35), que não mostra marcas de ter sido usado, à superfície do solo e perto do fundo da cabana a que vimos fazendo referência.

Prospecção feita no planalto onde foi construído o tal moinho velho, este nosso amigo e nós próprios recolhemos farto material arqueológico. Há que citar a recolha dum godé de pedra, mais contas de calcite, furadores e espátulas de osso, um alfinete de cabelo infelizmente incompleto, pontas de seta e seixos rolados. As pontas de seta, na sua maioria, têm a base côncava com as extremidades laterais bem marcadas.

A poucos metros do cinzeiro um pedaço de jorra de cobre afirma a existência de metalurgia na estação de Liceia, conforme Carlos Ribeiro supusera.

Não é este o único achado que apoia a tese deste investigador, outros há a registar.

Há já muitos anos numa das nossas visitas a esta estação encontramos um utensílio de pedra, olhado pelos arqueólogos como espécie de marreta usada na exploração de cobre.

Foi Pereira da Costa, companheiro de trabalhos de Carlos Ribeiro, quem pela primeira vez chamou a atenção para este tipo de instrumentos e lhes indicou a utilização a que nos referimos. Trata-se de um grande pedaço de sílex ou quartzite elipsoide devidamente polido, tendo a meio um sulco para facilitar o seu encabamento. Pertence hoje ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, para onde o oferecemos.

Um último facto há que referir a este respeito: Álvaro de Brée nas suas pesquisas naqueles terrenos, caídos do planalto ao Moinho do Pires para a base da escarpa, encontrou um excelente machado chato de cobre, ainda com as rebarbas da fundição, uma lâmina de adaga e um outro pedacinho do mesmo metal, tão estragado porém que nada se pode dizer da sua utilização. De resto já o exame do material lítico assim como o de cerâmica aqui recolhidos leva à conclusão de estarmos em presença dum povoado eneolítico.

Há no entanto um facto que convém salientar: referimo-nos à falta de vaso campaniforme.

Tem-nos passado pelas mãos centenas de pedaços de vasos de Liceia. Álvaro de Brée tem arrecadado vários para a sua colecção particular e tanto ele como nós nunca vimos um pedaço de cerâmica que possa ser atribuído a vaso deste tipo.

No espólio das grutas de Poço Velho (Cascais), também exploradas por Carlos Ribeiro, não se encontrou um único vaso campaniforme e os instrumentos e objectos de uso quotidiano ali encontrados e estudados modernamente por Afonso do Paço, são em tudo semelhantes aos de Liceia.

Também não encontramos até hoje um único micrólito. Mas há um tipo de instrumentos que muito abundam nesta estação. Referimo-nos às pequeninas facas de sílex (0,^m01 a 0,^m03 de comprimento). Não são também raras as de cristal de rocha, estas tendo, muitas vezes, 0,^m01 de comprimento.

O achado de alabarda de sílex merece referência especial.

A distribuição destes utensílios no nosso país foi particularmente estudada por Eugénio Jalhay. Dele nos diz que «pertencem quase exclusivamente à cultura megalítica dos dólmens e das sepulturas de cúpulas e abundam principalmente na região atingida por esta cultura junto à costa ocidental atlântica da nossa Península».

Por seu lado Leisner, o autor que mais se tem ocupado da cultura megalítica peninsular, integra este tipo de instrumento na III fase da sua classificação geral do período dos metais.

As características deste grupo, segundo ele, são as seguintes:

Pontas de seta com a base côncava ou com as extremidades laterais prolongadas.

Pequenas lâminas de sílex.

Elementos de foicinhas.

Abundância de instrumentos ósseos.

Caixinhas de osso, marfim ou calcáreo.

Contas de colar de osso, xisto ou calcite.

Varinhas e ídolos cilíndricos, lisos ou ornamentados.

Cerâmica decorada com ornamentação.

Primeiros trabalhos de metal (prata ou cobre).

Em Liceia todos estes elementos foram encontrados com abundância; só não apareceram até agora as caixas de marfim ou pedra.

Diz-nos Carlos Ribeiro que encontrou ossos humanos junto aos locais de habitação dos indivíduos que aqui viveram, ossos que estavam de mistura com vasos e instrumentos vários na tal gruta que encontrou na base da escarpa do planalto do Moinho do Pires e, como vimos, quase que imediatamente por cima estava um fundo de cabana.

O facto não tem paralelo noutras muitas estações eneolíticas conhecidas no nosso país e no estrangeiro, isto é, o da necrópole estar junta do povoado.

Na grande prova de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), tão belamente explorada por Jalhay e Afonso do Paço, nunca se encontrou um único osso humano. Ela esconde avaramente o lugar de enterramento dos seus mortos.

O facto parece estranho em relação a Liceia.

Por outro lado, lugar de tão rico espólio arqueológico não se compadece com enterramento de tão diminuto número de indivíduos na tal escavação que Carlos Ribeiro descobriu, pois só encontrou restos de 9 indivíduos. Este investigador supõe-nos componentes da mesma família.

Tratar-se-ia, na verdade, dum enterramento?

A excepção apontada e dados fornecidos por este autor podem deixar-nos dúvidas.

Diz-nos Ribeiro, que os ossos humanos e objectos estavam «em tão completa desordem que, pelo seu aspecto, bem se assimilavam a um depósito formado por águas torrenciais». «Neste depósito encontramos, continua o mesmo autor, grande quantidade de cinzas destribuídas irregularmente, fragmentos de carvão e alguns ossos queimados» de animais. Diz-nos mais ter chamado «muito a nossa atenção a maior parte dos ossos exumados quer humanos quer de animais, apresentarem côr pardo-cinzenta na sua superfície vendo-se na maior parte deles películas e granulações formadas de cinzas e por tal modo aderentes que nem raspando se destacavam sem ofender o osso, o que faz supor muito naturalmente e com grande verosimilhança, que estes ossos estiveram por muito tempo cobertos de cinzas, em cima das quais houvessem caído águas mais ou menos acídulas, parecendo também que só depois de se ter dado esta circunstância é que todos eles foram introduzidos na referida gruta».

A longa transcrição feita vem a propósito para evidenciar factos um pouco estranhos e até ritos desconhecidos como o de cobrir o cadáver com cinzas.

Relembrando o que notamos aquando da nossa prospecção aos terrenos que se encontram junto à base da escarpa (verdadeiros cones de dejeção, como vimos), o facto de Ribeiro dizer que o jazigo parecia ter sido devido à acção de águas torrenciais

e não a cerimónia sagrada duma inumação avolumaram as nossas suspeitas de não ter havido qualquer enterramento neste local. Tratou-se, provavelmente de aluimento da escarpa no ponto aonde uma família eneolítica tinha estabelecido o seu lar.

Assim se explica mais facilmente os dados de observação colhidos por Ribeiro, e até aquele em que nos diz que cinquenta por cento dos indivíduos que ali jaziam eram crianças.

Contra esta hipótese há o argumento de se encontrar alguns vasos intactos. O caso não é impossível porque a queda não é muito grande. A terra que se despenhou fatalmente nesse momento poderia explicar o sucedido.

A possibilidade de aluimento local não é hipótese gratuita. Não muito longe do ponto que nos prende a atenção há como que uma cratera devida a ter caído o tecto duma gruta que ali existia. E o sítio foi fortemente habitado porquanto se encontram muitos artefactos líticos junto aos bordos da escavação aberta no terreno.

São estas algumas das primícias que a presente campanha permite dizer. Há mais outros pormenores a encarar em trabalhos futuros que o estudo do material recolhido nos fornece.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AFONSO DO PAÇO — «As grutas de Poço Velho ou de Cascais» in-*Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XXII, 1942.
- HENRI BREUIL — «Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire» in-*Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XXIII, 1942.
- CARLOS RIBEIRO — *Estudos pré-históricos em Portugal. Notícia da Estação Humana de Liceia* — Lisboa, 1878.

- EUGÉNIO JALHAY — «A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal», in *Bro-téria*, vol. XLIV, 1947.
- PAULA E OLIVEIRA — «Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne». — *Compte Rendu de la 9ème Session du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, Lisboa, 1880.
- PEREIRA DA COSTA — «Noticias de alguns martellos de pedra, e outros objectos que foram descobertos em trabalhos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes, no Alemtejo», in *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturais*, n.º V, Lisboa, 1868.